



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

» PALOMA OLIVETO

Em pânico, milhares de pessoas tentam deixar o sul de Beirute, após Israel ordenar a desocupação imediata de regiões da capital do Líbano e próximas consideradas redutos do grupo paramilitar Hezbollah. Estimam-se que 500 mil moradores sejam afetados. “Alerta urgente para moradores dos subúrbios do sul de Beirute: salvem suas vidas e evacuem suas casas imediatamente (...)”, alertou, pelo X, Avichay Adraee, porta-voz militar das forças armadas israelenses. No fim da noite de ontem, Israel comunicou que havia começado nova onda de ataques contra bastiões do Hezbollah na área.

“Há um pânico no sul de Beirute, grandes engarrafamentos, sirenes, armas sendo disparadas para o ar”, relatou Nicholas Blanford, especialista em Hezbollah do Atlantic Council Institut, baseado em Beirute. “O ministro israelita das Finanças, o ultraconservador Bezalel Smotrich, disse que Israel pretende transformar Dakhir, no sul de Beirute, em Khan Yunis”, afirmou, em referência à segunda maior cidade da Faixa de Gaza, destruída pelas forças israelenses na guerra contra o Hamas, que se equilibra em um cessar-fogo muito precário. Para Blanford, porém, o grupo xiita não cederá fácil. “Eles vão lutar, estão esperando por isso desde 2006”, destacou, citando a guerra de 34 dias de duas décadas atrás.

Na segunda-feira, a milícia xiita entrou na guerra do Irã contra Estados Unidos e Israel, que bombardeiam o país persa há quase uma semana, em ataques que mataram o líder supremo aiatolá Ali Khamenei. O governo libanês afirma que não opera com o Hezbollah nesses ataques e chegou a proibir a atuação do grupo, conhecido pelo espaço que ocupa no poder do país, inclusive com cadeiras no Parlamento.

ONU

Em uma coletiva de imprensa, a porta-voz da Organização das Nações Unidas (ONU) Stéphanie Dujarric afirmou que a coordenadora especial da ONU para o Líbano, Jeanine Hennis-Plascheart, e o comandante da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil), major-general Diodato Abagnara, intensificarão a resposta humanitária no país. “Uma ordem de evacuação israelense foi emitida hoje (ontem) para bairros inteiros nos subúrbios ao sul de Beirute, gerando pânico entre os moradores que correram para deixar a área”, disse. Segundo a agência estatal de notícias do Líbano, 102 pessoas foram mortas e 638 ficaram feridas nos ataques israelenses desde segunda-feira.

Israel ameaça transformar sul de Beirute em nova Gaza

Após declaração de ministro ultraconservador e ordem do Exército israelense para evacuação, pânico toma moradores. Ataques contra bastiões do Hezbollah na região já começaram

Ibrahim Amro/AFP



Fogo em local no sul de Beirute bombardeado por Israel no fim da noite de quinta-feira (4/3)



Mulher que fugiu de área atacada por Israel em abrigo: milhares tentam escapar da guerra

JOSEPH EID/AFP

Em um comunicado, a organização humanitária de auxílio a refugiados Basmeh & Zeitooneh, do Reino Unido e do Líbano, demonstrou preocupação com o número de deslocados no sul libanês. “Até quarta-feira, mais de 80 mil pessoas se registraram como deslocadas, mas acreditamos que o número seja muito maior, pois o dado oficial não considera aqueles que não estão em abrigos coletivos”, destacou a porta-voz do grupo Marianne Samaha. Ela informou que muitas pessoas estão dormindo nas ruas ou dentro dos carros.

Sarit Zehavi, especialista em inteligência militar do Centro de Pesquisa e Educação Alma, organização apartidária em Israel, reforça que a esperada resposta de Tel Aviv aos ataques do Hezbollah acirrou o debate interno sobre o papel do grupo militar dentro do Estado. “Mesmo dentro do próprio meio xiita — a base de apoio tradicional da organização —, certos indícios de crítica e indignação, ainda que limitados, são identificados em relação à entrada da organização nos combates e às graves consequências para o Estado e a população”, comenta.

Alerta urgente para moradores dos subúrbios do sul de Beirute: salvem suas vidas e evacuem suas casas imediatamente”

Avichay Adraee,
porta-voz das forças armadas israelenses

Futuro do Líbano

Para a analista de geopolítica do Centro Árabe de Washington Patrícia Karam, a atitude do primeiro-ministro libanês, Nawaf Salam, de proibir formalmente as atividades militares do Hezbollah é uma sinalização sem precedentes do Estado libanês sobre as decisões de guerra e paz. “O fato de o Hezbollah priorizar, em última análise, a lealdade ideológica ao Irã ou a sua própria sobrevivência política no Líbano, determinará não apenas o seu futuro, mas também se o próprio Líbano será arrastado para uma guerra regional mais ampla”, acredita.

No X, o presidente francês, Emmanuel Macron, informou que conversou ontem com altas autoridades libanesas para estabelecer um plano que coloque fim às operações do Hezbollah e também pelos ataques de Israel. “O Hezbollah deve cessar imediatamente seus disparos contra Israel. Israel deve se abster de qualquer intervenção terrestre ou operação em larga escala em território libanês”, escreveu. Macron afirmou que a França “fortalecerá sua cooperação com as Forças Armadas Libanesas”, fornecendo veículos blindados de transporte, além de apoio operacional e logístico. “Tudo deve ser feito para impedir que este país, tão próximo da França, seja mais uma vez arrastado para a guerra. Os libaneses têm direito à paz e à segurança — como todos no Oriente Médio.”

Colaborou Rodrigo Craveiro

Trump renova ataques à Espanha; Europa se movimenta

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, voltou ontem a mostrar irritação em relação a aliados europeus, especialmente a Espanha e o Reino Unido. Em entrevista ao tabloide *The New York Post*, ele afirmou que a Espanha é uma “perdedora” e “muito hostil à Otan”. O republicano está inconformado com a decisão espanhola de impedir o uso de bases militares pelos norte-americanos para ataques ao Irã, além de enfurecido com as declarações explícitas do primeiro-ministro Pedro Sánchez contra a guerra e a conduta de EUA e Israel.

A ira em relação a Sánchez é seguida de perto pela irritação com o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer. Trump alega que “o Reino Unido tem sido muito decepcionante”. Ao contrários dos espanhóis, os britânicos até permitiram o uso de suas bases pelos EUA, mas alegam que “apenas para ações defensivas”. Isso bastou para que o presidente norte-americano colocasse Starmer na mira de sua metralhadora verbal.

Enquanto isso, o ministro da Defesa do Reino Unido, John Healey, chegou ontem ao Chipre para tratar do “reforço” na segurança diante do descontentamento da ilha, quatro dias após um drone ter atingido uma base britânica local. “A amizade de longa data entre Reino Unido e Chipre continua sólida diante das ameaças iranianas”, discursou o ministro em uma postagem feita no X, acompanhada

Do ponto de vista do direito internacional, a recusa da Espanha em oferecer suporte logístico e militar aos EUA é legítima, inclusive com a rejeição da utilização de suas bases militares por forças estrangeiras”

Igor Navarro Sassara Dias, *advogado especialista em direito e negócios internacionais*

de uma foto em que aparece ao lado de seu homólogo cipriota, Vasilis Palmas.

Em meio à polêmica, o Ministério da Defesa da Espanha também agiu, anunciando o envio de uma fragata para o Chipre para missões de “proteção e defesa aérea”.

Solidariedade

Apesar da pressão dos Estados Unidos, a Espanha tem recebido sinais de apoio. O líder francês, Emmanuel Macron, manifestou solidariedade a Sánchez em conversa telefônica, enquanto o presidente do Conselho Europeu, António Costa, também afirmou que a União Europeia está ao lado da Espanha diante de ameaças comerciais externas.

Conforme o advogado especialista em direito e negócios internacionais Igor Navarro Sassara Dias, a confusão entre sanções econômicas e pressão política tem sido uma

marca do atual governo de Donald Trump. “Do ponto de vista do direito internacional, a recusa da Espanha em oferecer suporte logístico e militar aos Estados Unidos é legítima, inclusive com a rejeição da utilização de suas bases militares por forças estrangeiras.”

Segundo o especialista, embora as ameaças tarifárias e comerciais do presidente americano à Espanha sejam contundentes, elas são difíceis de serem efetivadas na prática. “Isso porque as definições sobre tarifas comerciais de produtos europeus são negociadas conjuntamente por toda a União Europeia e os tratados de livre circulação de mercadorias dentro do bloco tornariam as sanções americanas fáceis de contornar. Uma sanção comercial efetivamente capaz de prejudicar a Espanha teria consequências para vários países da União Europeia e para os EUA, que poderiam enfrentar impactos inflacionários ao nível doméstico.”

AFP



Fragata espanhola Cristóbal Colón navegando no mar. A Espanha enviará sua fragata mais avançada para proteger Chipre após um ataque com drone a uma base britânica na ilha mediterrânea

Movimentação europeia

Enquanto alguns países defendem maior cautela, outros reforçam sua presença militar no Mediterrâneo Oriental. A França, por exemplo, autorizou o uso da base aérea de Istres por aeronaves americanas de apoio logístico, mas destacou que os aviões não participarão de ataques diretos.

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, anunciou,

em seguida, que o Reino Unido enviará quatro aviões de combate Typhoon “adicionais” ao Catar para reforçar as suas “operações defensivas” no Oriente Médio.

Desde o ataque com drones à base no Chipre, diversos países europeus anunciaram o reforço da segurança da ilha, considerada um ponto estratégico na região. França, Itália e Países Baixos planejam deslocar navios de guerra para a

área, enquanto a Grécia já enviou fragatas e caças F-16.

Dentro da Espanha, a posição firme de Sánchez também tem gerado repercussão política. A oposição conservadora atual, liderada por Alberto Núñez Feijóo, criticou a postura do governo. Feijóo acusou Sánchez de transformar a política externa em instrumento de disputa interna e pediu “mais respeito” na relação com Washington.